

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V JANEIRO DE 1862 Nº 1

Ensaio de Interpretação sobre a Doutrina dos Anjos Decaídos^{1,2}

A questão das origens sempre excitou a curiosidade, sobretudo no que respeita à procedência do homem, e em tal proporção que hoje é impossível às criaturas sensatas aceitarem ao pé da letra o relato bíblico, nele vendo apenas uma dessas alegorias de que é pródigo o estilo oriental. Aliás, a Ciência vem oferecer-lhe a prova ao demonstrar, por meios irrefutáveis, a impossibilidade material da formação do globo em seis vezes vinte e quatro horas. Ante a evidência dos fatos, escritos em caracteres irrecusáveis nas camadas geológicas, a Igreja teve de se submeter à opinião dos sábios e com eles concordar que os seis dias da Criação representam

1 **N. do T.:** Essa teoria é aqui apresentada como simples hipótese e a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão. Faltava, então, a Allan Kardec, elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Mais tarde, já havendo passado pela prova do controle universal, foi ela inserida em *A Gênese*, capítulo XI, item 43 e seguintes, integrando, definitivamente, o corpo doutrinário do Espiritismo. É por isso que dissemos, na introdução ao volume I (1858 – Notas do Tradutor), que a *Revista Espírita* era uma espécie de tribuna livre, na qual Allan Kardec sondava a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos e mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação.

2 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

seis períodos de extensão indeterminada, como fizera outrora em relação ao movimento da Terra. Se, pois, o texto bíblico é susceptível de interpretação quanto a este ponto capital, também poderá sê-lo em relação a outros pontos, notadamente sobre a época do aparecimento do homem na Terra, sua origem e o sentido que deve ser atribuído à qualificação de *anjos decaídos*.

Como o princípio das coisas está nos segredos de Deus, que no-lo não revela senão à medida que o julga conveniente, ficamos reduzidos a conjecturas. Muitos sistemas foram imaginados para resolver esta questão, mas nenhum, até hoje, satisfaz completamente à razão. Tentaremos, também, levantar uma ponta do véu. Seremos mais felizes do que os nossos antecessores? Ignoramo-lo; só o futuro dirá. A opinião que apresentamos é, pois, uma opinião pessoal; parece concordar com a razão e a lógica, o que, aos nossos olhos, lhe dá certo grau de probabilidade.

Antes de tudo, constatamos que só é possível descobrir alguma parcela da verdade com o auxílio da teoria espírita; ela já resolveu uma imensidão de problemas até agora insolúveis, e é com a ajuda das balizas que ela nos oferece que vamos tentar remontar à cadeia dos tempos. O sentido literal de certas passagens dos livros sacros, contraditado pela Ciência, repellido pela razão, produziu muito mais incrédulos do que se pensa, dada a obstinação de fazer daquilo um artigo de fé. Se uma interpretação racional os fizesse aceitar, evidentemente reaproximaria da Igreja os que dela se afastaram.

Antes de prosseguir, é essencial que nos entendamos sobre as palavras. Quantas disputas não deveram a sua perpetuação à ambigüidade de certas expressões, que cada um tomava no sentido de suas idéias pessoais! Nós o demonstramos, em *O Livro dos Espíritos*, a propósito do vocábulo *alma*. Dizendo claramente em que acepção a tomávamos, cortamos pela raiz qualquer controvérsia. A palavra *anjo* está no mesmo caso; empregam-na

indiferentemente, no bom e no mau sentido, dizendo: os anjos bons e maus, o anjo da luz e o anjo das trevas, donde se segue que, em sua acepção geral, significa apenas *Espírito*. Evidentemente é neste último sentido que deve ser entendido, ao se falar de *anjos decaídos* e de *anjos rebeldes*. Conforme a Doutrina Espírita, nisto concordando com vários teólogos, os anjos não são seres de criação privilegiada, isentos, por um favor especial, do trabalho imposto aos outros, mas de Espíritos chegados à perfeição por seus esforços e por seus méritos. Se fossem seres criados perfeitos, sendo a revolta contra Deus um sinal de inferioridade, os que se revoltassem não poderiam ser anjos. Também nos diz a doutrina que os Espíritos progridem, mas não retrogradam, porquanto jamais perdem as qualidades adquiridas. Ora, a rebelião por parte de seres perfeitos seria uma retrogradação, desde que ela só se concebe partindo de seres ainda atrasados.

Para evitar qualquer equívoco, conviria reservar a qualificação de *anjos* para os Espíritos puros e chamar os demais simplesmente de *Espíritos bons* ou *maus*. Como, entretanto, prevaleceu o emprego dessa palavra para os anjos decaídos só o tomaremos na sua acepção geral. Ver-se-á, neste caso, que a idéia de queda e de rebelião é perfeitamente admissível.

Não conhecemos, e provavelmente jamais conheceremos, o ponto de partida da alma humana. Tudo quanto sabemos é que os Espíritos são criados simples e ignorantes; que progridem intelectual e moralmente; que, em virtude do livre-arbítrio, uns tomaram o bom caminho, outros um caminho errado; que, uma vez posto o pé no atoleiro, nele se afundaram cada vez mais; que, depois de uma série ilimitada de existências corporais, realizadas na Terra e em outros mundos, depuram-se e alcançam a perfeição, que os aproxima de Deus.

Um ponto de difícil compreensão é a formação dos primeiros seres vivos na Terra, cada um em sua espécie, desde a

planta até o homem. A esse respeito, a teoria contida em *O Livro dos Espíritos* se nos afigura a mais racional, conquanto só incompletamente e de maneira hipotética resolva esse problema, que reputamos insolúvel, tanto para nós, quanto para a maioria dos Espíritos, a quem não é dado penetrar o mistério das origens. Se os interrogamos a respeito, os mais sábios respondem que não o sabem; mas outros, menos modestos, tomam a iniciativa e a postura de reveladores, ditando sistemas, produto de idéias pessoais, que apresentam como verdade absoluta. É contra a mania dos sistemas de certos Espíritos, em relação ao princípio das coisas, que devemos nos precaver. O que, aos nossos olhos, prova sabedoria dos que ditaram *O Livro dos Espíritos*, é a reserva que souberam guardar sobre questões dessa natureza. Em nossa opinião não é prova de sabedoria decidir essas questões de maneira absoluta, como fazem alguns, sem se inquietarem com impossibilidades materiais resultantes dos dados fornecidos pela Ciência e pela observação. O que dizemos da aparição dos primeiros homens na Terra se estende à formação dos corpos, porque, uma vez formado o corpo, é mais fácil conceber que o Espírito venha tomar conta dele. Considerando os corpos, o que nos propomos a examinar aqui é o estado dos Espíritos que os animaram, a fim de chegar, se possível, a definir, de modo mais racional do que se tem feito até agora, a doutrina da queda dos anjos e do paraíso perdido.

Se não admitirmos a pluralidade das existências corpóreas, forçoso é concordar que a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo. Porque, de duas uma: ou a alma que anima o corpo ao nascer já viveu, ou não viveu ainda; entre as duas hipóteses não há meio-termo. Ora, a segunda hipótese, aquela de que a alma não tenha vivido, enseja uma porção de problemas insolúveis, tais como a diversidade de aptidões e de instintos, incompatíveis com a justiça de Deus, a sorte das crianças que morrem em tenra idade, a dos cretinos, dos idiotas, etc., enquanto tudo se explica naturalmente se admitirmos que a alma já viveu e traz, ao encarnar em um novo corpo, o que havia adquirido

anteriormente. É assim que as sociedades progridem gradativamente; sem isto, como explicar a diferença existente entre o atual estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas fossem criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que hoje nascem seriam absolutamente novas, tão primitivas quanto as que viviam há milhares de anos; acrescente-se que entre elas não haveria nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que seriam completamente independentes umas das outras. Por que, então, as almas de hoje seriam mais bem favorecidas por Deus que as antepassadas? Por que compreenderiam melhor? Por que têm instintos mais depurados, hábitos mais suaves? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as terem aprendido? Desafiamos que saiam dessa dificuldade, a menos que se admita tenha Deus criado almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, proposição inconcebível com idéia de uma justiça soberana. Dizei, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em épocas recuadas; que foram bárbaras como o seu século, mas progrediram; que em cada nova existência trazem as aquisições das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não foram criadas mais perfeitas, mas se aperfeiçoaram com o tempo. Só assim tereis a única explicação plausível da causa do progresso social.

Tiradas da teoria da reencarnação, estas considerações são essenciais para a compreensão de um fato de que falaremos daqui a pouco.

Embora os Espíritos possam reencarnar-se em diferentes mundos, parece que, em geral, realizam um certo número de migrações corporais no mesmo globo e no mesmo meio, a fim de poderem aproveitar melhor a experiência adquirida; não saem desse meio senão para entrar num pior, por punição, ou num melhor, como recompensa. Disso resulta que, durante um certo período, a população do globo é composta mais ou menos pelos mesmos Espíritos, que ali reaparecem em diversas épocas,

até atingirem um grau de depuração suficiente para merecerem habitar mundos mais adiantados.

Conforme o ensino dado pelos Espíritos superiores, essas emigrações e imigrações dos Espíritos encarnados na Terra ocorrem de vez em quando, individualmente; porém, em certas épocas, se realizam em massa, em consequência das grandes revoluções que os fazem desaparecer em quantidades consideráveis, sendo substituídos por outros Espíritos que, de alguma sorte, na Terra ou *numa parte da Terra*, constituem uma nova geração.

O Cristo pronunciou uma frase notável que, como muitas outras tomadas ao pé da letra, não foi compreendida, pois ele quase sempre falava por imagens e parábolas. Anunciando as grandes transformações no mundo físico e no mundo moral, disse Ele: *Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça*³. Ora, a geração do tempo do Cristo passou há mais de dezoito séculos sem que essas coisas tivessem acontecido. Disso devemos concluir que o Cristo ou se enganou – o que não é admissível – ou que suas palavras tinham um sentido oculto e foram mal interpretadas.

Se agora nos reportarmos ao que dizem os Espíritos, não apenas a nós, mas pelos médiuns de todos os países, chegamos ao cumprimento dos tempos preditos, a uma época de renovação social, isto é, a uma época de uma dessas grandes *emigrações* dos Espíritos que habitam a Terra. Deus, que os havia enviado para se melhorarem, *os deixou aqui o tempo necessário para progredirem*. Fez-lhes conhecer suas leis, primeiro por Moisés, depois pelo Cristo; advertiu-os pelos profetas; em suas reencarnações sucessivas puderam aproveitar esses ensinamentos; agora os tempos são chegados e aqueles que não aproveitaram a luz, que violaram as leis de Deus e ignoraram o seu poder deixarão a Terra, onde, doravante, estariam

3 N. do T.: Mateus, 24:34; Marcos, 13:30; e Lucas, 21:32.

deslocados do meio pelo progresso moral que se realiza e ao qual não poderiam trazer senão obstáculos, quer como homens, quer como Espíritos. A geração a que o Cristo se referia, não podendo ser a dos homens que viviam em seu tempo, corporalmente falando, deve ser entendida pela geração dos Espíritos que na Terra percorreram os diversos períodos de suas encarnações e que irão deixá-la. Serão substituídos por uma nova geração de Espíritos que, mais avançados moralmente, farão reinar entre si a lei de amor e de caridade ensinada pelo Cristo e cuja felicidade não será perturbada pelo contato dos maus, dos orgulhosos, dos egoístas, dos ambiciosos e dos ímpios. Pareceria mesmo, no dizer dos Espíritos, que entre as crianças que nascem atualmente, muitas são a encarnação de Espíritos dessa nova geração. Quanto aos da antiga geração, que houverem bem merecido, mas que, no entanto, não tiverem ainda atingido um grau de depuração suficiente para alcançarem os mundos mais adiantados, poderão continuar a habitar a Terra e aqui passar ainda algumas encarnações; mas, ao invés de ser isto uma punição, será uma recompensa, visto que serão mais felizes por progredirem. O tempo em que desaparece uma geração de Espíritos para dar lugar a outra pode ser considerado como o fim do mundo, isto é, do mundo moral.

Em que se tornarão os Espíritos expulsos da Terra? Os próprios Espíritos nos dizem que aqueles irão habitar mundos novos, onde encontrarão seres ainda mais atrasados que os daqui, aos quais estão encarregados de fazer progredir, transmitindo-lhes o produto dos conhecimentos que já adquiriram. O contato do meio bárbaro em que se acham ser-lhes-á uma cruel expiação e uma fonte de incessantes sofrimentos, físicos e morais, dos quais terão tanto mais consciência quanto mais desenvolvida for a sua inteligência; mas essa expiação será, ao mesmo tempo, uma missão que lhes oferecerá os meios de resgatar o passado, conforme a maneira pela qual a desempenharem. Aí sofrerão uma série de encarnações, durante um período de tempo mais ou menos longo, no fim do qual os que tiverem merecimento serão retirados para

mundos melhores, talvez a Terra, que, então, será uma morada de felicidade e de paz, enquanto os da Terra, por sua vez, ascenderão gradualmente até o estado de anjos ou puros Espíritos.

É muito demorado, dirão alguns. Não seria mais agradável ir diretamente da Terra ao Céu? Sem dúvida, mas com esse sistema tendes a alternativa de ir, de uma só tacada, da Terra para o Inferno, e pela eternidade das eternidades; ou, então, admitir que a soma das virtudes necessárias para ir diretamente da Terra ao Céu, sendo muito rara, poucos homens estarão seguros de as possuir. Disso resulta que maior é a probabilidade de se ir para o inferno do que para o paraíso. Não é preferível fazer uma caminhada mais longa e estar seguro de chegar ao fim? No estado atual da Terra ninguém se preocupa de a ela voltar, e nada a isso obriga, pois depende de cada um, enquanto aqui se encontra, progredir de tal modo que possa merecer ascender a orbes mais adiantados. Nenhum prisioneiro, saindo da prisão, preocupa-se em voltar para ela; o meio é muito simples: apenas não cair em nova falta. Também o soldado acharia muito cômodo tornar-se marechal de um só golpe; todavia, conquanto houvesse sido alçado ao mais alto posto, nem por isto estaria dispensado de conquistar as esporas.

Remontemos agora ao curso dos tempos; e do presente, como ponto conhecido, procuremos deduzir o desconhecido, ao menos por analogia, se não tivermos a certeza de uma demonstração matemática.

A questão de Adão, como tronco único da espécie humana na Terra é, como se sabe, muito controvertida, porque as leis antropológicas lhe demonstram a impossibilidade, sem falar dos documentos autênticos da história chinesa, que provam que a população do globo remonta a uma época muito anterior à atribuída a Adão pela cronologia bíblica. Então a história de Adão é pura invencionice? Não é provável; é uma imagem que, como

todas as alegorias, deve encerrar uma grande verdade, cuja chave só poderá ser dada pelo Espiritismo. Em nossa opinião, a questão principal não é saber se a personagem de Adão realmente existiu, nem em que época viveu, mas se a raça humana, designada como sua posteridade, é uma raça decaída. A solução dessa questão não é destituída de conteúdo moral, porque, esclarecendo-nos quanto ao passado, pode orientar a nossa conduta para o futuro.

Antes de mais, notemos que, aplicada ao homem, a idéia da queda, sem a reencarnação, é um contra-senso, assim como a responsabilidade que carregássemos pela falta de nosso primeiro pai. Se a alma de cada homem é criada ao nascer, é que não existia antes; não terá, desse modo, nenhuma relação, nem direta, nem indireta, com a que cometeu a primeira falta, o que nos leva a indagar como poderia ser responsável por sua própria queda. A dúvida sobre este ponto conduz naturalmente à dúvida ou, mesmo, à incredulidade sobre muitos outros, porquanto, se falso o ponto de partida, igualmente falsas devem ser as conseqüências. Tal o raciocínio de muita gente. Pois bem! esse raciocínio cairá se considerarmos o espírito, e não a letra do texto bíblico, e se nos reportarmos aos princípios mesmos da Doutrina Espírita, destinados, conforme já foi dito, a reavivar a fé que se extingue.

Notemos, ainda, que a idéia dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos e do paraíso perdido se acha em quase todas as religiões e, como tradição, entre quase todos os povos. Deve, pois, fundamentar-se numa verdade. Para compreender o verdadeiro sentido que se deve ligar à qualificação de *anjos rebeldes*, não é necessário supor uma luta real entre Deus e os anjos, ou Espíritos, desde que o vocábulo *anjo* é aqui tomado numa acepção geral. Admitindo-se sejam os homens Espíritos encarnados, o que são os materialistas e os ateus senão anjos ou Espíritos em revolta contra a Divindade, pois que negam a sua existência e não reconhecem seu poder, nem suas leis? Não é por orgulho que pretendem que tudo aquilo de que são capazes vem deles mesmos, e não de Deus? Não

é o cúmulo da rebelião pregar o nada depois da morte? Não são muito culpados os que se servem da inteligência, de que se ufanam, para arrastar os semelhantes ao precipício da incredulidade? Até certo ponto não praticam também um ato de revolta os que, sem negar a Divindade, desconhecem os verdadeiros atributos de sua essência? Os que se cobrem com a máscara da piedade para cometer más ações? Os que a fé no futuro não os desliga dos bens deste mundo? Os que em nome de um Deus de paz violentam a primeira de suas leis: a lei de caridade? Os que semeiam perturbação e ódio pela calúnia e pela maledicência? Enfim aqueles, cuja vida, voluntariamente inútil, se escoia na ociosidade, sem proveito para si próprios, nem para os seus semelhantes? A todos serão pedidas contas, não só do mal que tiverem feito, mas do bem que tiverem deixado de fazer. Pois bem! todos esses Espíritos, que tão mal empregaram as suas encarnações, uma vez expulsos da Terra e enviados a mundos inferiores, entre hordas ainda na infância da barbárie, o que serão, senão anjos decaídos, remetidos à expiação? A terra que deixam não será para eles um paraíso perdido, em comparação ao meio ingrato onde ficarão relegados durante milhares de séculos, até o dia em que tiverem merecido a libertação?

Se remontarmos, agora, à origem da raça atual, simbolizada na pessoa de Adão, encontraremos todos os caracteres de uma geração de Espíritos expulsos de um outro mundo e exilados, por razões semelhantes, na Terra, já povoada por homens primitivos, mergulhados na ignorância e na barbárie, e que tais exilados tinham por missão fazê-los progredir, trazendo para o seu meio as luzes de uma inteligência já desenvolvida. Não é, com efeito, o papel até aqui representado pela raça adâmica? Relegando-a para esta terra de trabalho e de sofrimento, Deus não teria razão para dizer: “No suor do rosto comerás o teu pão”⁴? Se, por causas semelhantes às que vemos hoje, ela mereceu tal castigo, não será justo dizer que se perdeu por orgulho? Na sua mansuetude não lhe

4 N. do T.: Gênesis, 3:19.

poderia prometer que lhe enviaria um Salvador, isto é, aquele que deveria iluminar o caminho a seguir para alcançar a felicidade dos eleitos? Este Salvador foi enviado na pessoa do Cristo, que ensinou a lei do amor e da caridade como a verdadeira âncora da salvação.

Aqui se apresenta uma importante consideração. A missão do Cristo é facilmente compreendida admitindo-se que são os mesmos os Espíritos que viveram antes e depois de sua vinda, e que puderam aproveitar-se de seu ensino, ou do mérito de seu sacrifício; sem a reencarnação, porém, é mais difícil compreender-se a utilidade desse mesmo sacrifício para Espíritos *criados posteriormente* à sua vinda, pois Deus os teria criado manchados por faltas cometidas por aqueles com os quais não tiveram nenhuma relação.

Esta raça de Espíritos parece ter completado seu tempo na Terra. Nesse número, uns aproveitaram o tempo para progredir e mereceram ser recompensados; outros, por sua obstinação em cerrar os olhos à luz, esgotaram a mansuetude do Criador e mereceram castigo. Assim será cumprido este preceito do Cristo: “Os bons ficarão à minha direita e os maus à minha esquerda”⁵.

Um fato parece apoiar a teoria que atribui uma preexistência aos primeiros habitantes desta raça na Terra: o de que Adão, tido como o tronco, é representado com um desenvolvimento intelectual peculiar, bem superior ao das raças selvagens atuais; que em pouco tempo os seus primeiros descendentes mostraram aptidão para trabalhos de arte muito avançados. Ora, o que sabemos do estado dos Espíritos em sua origem indica o que teria sido Adão, do ponto de vista intelectual, caso sua alma tivesse sido criada ao mesmo tempo que o seu corpo. Admitindo, por exceção, que Deus lhe tivesse dado uma alma mais perfeita, restaria explicar por que os selvagens da Nova Holanda, por exemplo, já que saem do mesmo tronco, são infinitamente mais

5 N. do T.: Mateus, 25:33.

atrasados que o pai comum. Ao contrário, tudo prova, tanto pelo físico quanto pelo moral, que pertencem a outra raça de Espíritos mais próximos de sua origem e que ainda necessitam de um grande número de migrações corpóreas antes de atingirem os graus menos avançados da raça adâmica. A nova raça que vai surgir, fazendo reinar por toda a parte a lei do Cristo – lei de justiça, de amor e de caridade – apressará o seu adiantamento. Os que escreveram a história da antropologia terrestre se apegaram principalmente aos caracteres físicos; o elemento espiritual foi quase sempre negligenciado e o é necessariamente pelos escritores que nada admitem fora da matéria. Quando este for levado em conta no estudo das ciências, uma luz inteiramente nova será lançada sobre uma porção de questões ainda obscuras, porquanto o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, desempenhando um papel preponderante, tanto nos fenômenos físicos quanto nos fenômenos morais.

Eis, em pequena escala, um exemplo surpreendente de analogia com o que se passa, em escala maior, no mundo dos Espíritos, e que nos ajudará a compreendê-lo⁶:

No dia 24 de maio de 1861, a fragata *Ifigênia* transportou à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. À chegada, o comandante baixou-lhes uma ordem do dia concebida assim:

“Pondo os pés nesta terra longínqua, por certo já compreendestes o papel que vos está reservado.

“A exemplo dos bravos soldados da nossa marinha, que servem sob as vossas vistas, ajudar-nos-eis a levar com brilho o facho da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Não é uma nobre e bela missão, pergunto? Desempenhá-la-eis dignamente.

6 N. do T.: Vide *A Gênese*, capítulo XI, itens 47 a 49.

“Escutai a palavra e os conselhos dos vossos chefes. Estou à frente deles. Entendei bem as minhas palavras.

“A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, dos vossos suboficiais e cabos constitui garantia certa de que todos os esforços serão tentados para fazer-vos excelentes soldados; digo mais: para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados, se o quiserdes.

“A nossa disciplina é severa e assim tem de ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, ficai certos, do mesmo modo que, justa e paternal, saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”

Aí tendes um punhado de homens expulsos, pelo seu mau proceder, de um país civilizado, e mandados, por punição, para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? – “Infringistes as leis do vosso país; nele vos tornastes causa de perturbação e escândalo e fostes expulsos; mandam-vos para aqui, mas aqui podeis resgatar o vosso passado; podeis, pelo trabalho, criar-vos aqui uma posição honrosa e tornar-vos cidadãos honestos. Tendes uma bela missão a cumprir: levar a civilização a estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que procederem bem.”

Para aqueles homens, exilados no seio da selvajaria, a mãe-pátria não é um paraíso que eles perderam pelas suas próprias faltas e por se rebelarem contra a lei?

Naquela terra distante, não são eles anjos decaídos? A linguagem do chefe não é idêntica à de que usou Deus falando aos Espíritos exilados na Terra: “Desobedecestes às minhas leis e, por isso, eu vos expulsei do mundo onde podíeis viver ditosos e em paz. Aqui, estareis condenados ao trabalho; mas, podereis, pelo vosso bom procedimento, merecer perdão e reconquistar a pátria que perdestes por vossa falta, isto é, o Céu”?

À primeira vista, a idéia de queda parece em contradição com o princípio segundo o qual os Espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, ainda que numa posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, seja qual for o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído, do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

Será crível, perguntamos agora, que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão transformar-se subitamente em modelos de virtude? Que vão abjurar repentinamente seus erros do passado? Para supor tal coisa, fora necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos que vão ser expulsos da Terra, uma vez transplantados para a terra do exílio, não se despojarão instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservarão as tendências que traziam, um resquício da velha levedura. O mesmo se deu com os Espíritos da raça adâmica exilados na Terra. Ora, não é esse o pecado original? A mancha que trazem ao nascer é a da raça de Espíritos culpados e punidos a que pertencem, mancha que podem apagar pelo arrependimento, pela expiação e pela renovação de seu ser moral. Considerado como responsabilidade de uma falta cometida por outrem, o pecado original é uma insensatez e a negação da justiça de Deus. Ao contrário, considerado como consequência e vestígio da imperfeição inicial do indivíduo, não só a razão o admite, mas se considera de plena justiça a responsabilidade dela decorrente.

Esta interpretação dá uma razão de ser toda natural ao dogma da imaculada Conceição, do qual tanto zombou o cepticismo. O dogma estabeleceu que a mãe do Cristo não era manchada pelo pecado original. Como pode ser isto? É muito

simples: Deus enviou um Espírito puro, que não pertencia à raça culpada e exilada, para encarnar na Terra e desempenhar a sua augusta missão, do mesmo modo que, de vez em quando, envia Espíritos superiores que encarnam a fim de impulsionar o progresso e apressar o desenvolvimento do orbe. Na Terra tais Espíritos agem como o verdadeiro pastor, que vai moralizar os condenados em suas prisões e lhes mostrar o caminho da salvação.

Certamente algumas pessoas acharão esta interpretação um pouco ortodoxa. Algumas, até, poderão protestar que se trata de heresia. Mas não é um fato comprovado que muitos não vêm no relato do Gênesis, na história da maçã e da costela de Adão senão uma simples imagem? Que não podendo ligar um sentido preciso à doutrina dos anjos decaídos, dos anjos rebeldes e do paraíso perdido, consideram todas essas coisas como fábulas? Se uma interpretação lógica os leva a ver uma verdade disfarçada sob a alegoria, não é melhor que a negação absoluta? Admitindo-se que tal solução não estivesse, em todos os pontos, na mais rigorosa ortodoxia, não seria preferível acreditar nalguma coisa a não crer em coisa alguma? Se a crença no texto literal afasta o homem de Deus e a crença na interpretação o aproxima dEle, esta não vale mais que a outra? Não vimos, pois, destruir o princípio, miná-lo em seus fundamentos, como fizeram alguns filósofos; procuramos descobrir-lhe o sentido oculto e, ao contrário, vimos consolidá-lo e dar-lhe uma base racional. Seja como for, não se poderá negar a esta interpretação um caráter de grandeza que certamente não possui o texto literal. Esta teoria abarca, ao mesmo tempo, a universalidade dos mundos, o infinito no passado e no futuro; dá a tudo a sua razão de ser pelo encadeamento de todas as coisas, pela solidariedade que estabelece entre todas as partes do Universo. Não é mais conforme à idéia que fazemos da majestade e da bondade de Deus, que o entendimento que circunscreve a Humanidade a um ponto do espaço e a um instante na eternidade?

Publicidade das Comunicações Espíritas

A questão da publicidade das comunicações espíritas é o complemento da organização geral que tratamos em nosso número anterior. À medida que se alarga o círculo dos espíritas, multiplicam-se os médiuns e, com eles, o número de comunicações. De algum tempo para cá essas comunicações têm tido um desenvolvimento notável em relação ao estilo, aos pensamentos e à amplitude dos assuntos tratados; cresceram com a própria ciência e os Espíritos regulam o nível de seu ensino pelo desenvolvimento da idéias, tanto nas províncias e no estrangeiro, quanto em Paris, conforme o atestam as numerosas mostras que nos enviam, algumas das quais já publicadas na *Revista*.

Dando essas comunicações, os Espíritos têm em vista a instrução geral e a propagação dos princípios da doutrina. Esse objetivo não seria alcançado se, conforme dissemos, elas ficassem escondidas nas pastas dos que as recebem. É, pois, útil espalhá-las pela via da publicidade. Disso resultará uma outra vantagem muito importante: provar a concordância do ensino espontâneo dado pelos Espíritos sobre todos os pontos fundamentais e neutralizar a influência dos falsos sistemas, provando o seu isolamento.

Trata-se, pois, de examinar o modo de publicidade que melhor pode alcançar esse objetivo. Para isso, dois pontos devem ser considerados: o meio que oferece mais chances de extensão da publicidade, e as condições mais adequadas a produzir no leitor uma impressão favorável, seja pela escolha judiciosa dos assuntos, seja pela disposição material. Por não levar em conta certos requisitos, por vezes de pura forma, as melhores obras freqüentemente morrem no nascedouro. Isto é fruto da experiência; certos editores têm, a respeito, um tato que lhes dá o hábito do gosto do público e lhes permite julgar infalivelmente as

probabilidades de sucesso de uma publicação, abstração feita do mérito intrínseco da obra.

O desenvolvimento que tomam as comunicações espíritas nos coloca na impossibilidade material de inseri-las todas em nossa *Revista*. Para abranger o panorama por inteiro, fora necessário lhes dar uma extensão tal que nos obrigaria a vendê-la por um preço inalcançável a muita gente. Torna-se, pois, necessário divisar um meio de as suprir nas melhores condições para todos. Para começar, examinemos os prós e os contras dos diferentes sistemas que poderiam ser empregados.

1º *Publicações periódicas locais* – Apresentam dois inconvenientes: o primeiro, de serem quase sempre restritas à localidade; o segundo é que uma publicação periódica, devendo ser alimentada e distribuída em datas fixas, necessita de um material burocrático e de despesas regulares, que devem ser providos de qualquer modo, sob pena de interrupção. Se os jornais de localidade, que se dirigem ao grande público, muitas vezes têm dificuldade para sobreviver, com mais forte razão uma publicação dirigida a um público restrito, porquanto seria iludir-se com a vã esperança de contar muitos assinantes de fora, sobretudo se tais publicações se fossem multiplicando.

2º *Publicações locais não periódicas* – Uma sociedade, um grupo, os grupos de uma mesma cidade poderiam, como fizeram em Metz, reunir suas comunicações em brochuras independentes umas das outras e publicá-las em datas indeterminadas. Do ponto de vista financeiro este modo é incomparavelmente preferível ao precedente, porque não implica compromissos e sempre se é livre de parar quando quiser. Mas há sempre o inconveniente da restrição da publicidade. Para espalhar essas brochuras fora do círculo local, haveria necessidade de gastos com anúncios, ante os quais muitas vezes a gente recua, ou uma livraria central, com

numerosos correspondentes que deles se encarregassem. Mas aqui se apresenta outra dificuldade. Os livreiros, em geral, não se ocupam de bom grado com as obras que eles próprios não editam; por outro lado, não querem entulhar seus correspondentes com publicações para eles sem importância e de saída incerta, muitas vezes feitas em más condições de venda pelo formato e pelo preço e que, além do inconveniente de descontentar os correspondentes, obrigá-los-ia a arcar com as despesas de devolução. São considerações que a maioria dos autores, estranhos ao ofício, não compreendem, sem falar dos que, achando suas obras excelentes, admiram-se de que nenhum editor se empenhe em publicá-las. Aqueles que as imprimem por conta própria deveriam ter em mente que, a despeito das vantagens que ofereçam aos editores, a obra terá de aguardar os interessados se, dadas as peculiaridades do ofício, não estiver em *condições negociáveis*.

Pedimos desculpas aos nossos leitores por entrar em detalhes tão materiais a propósito das coisas celestes, mas é precisamente no interesse da propagação das boas coisas que queremos nos premunir contra as ilusões da inexperiência.

3^o *Publicações individuais dos médiuns* – Todas as reflexões acima se aplicam naturalmente às publicações isoladas que certos médiuns poderiam fazer das comunicações que recebem. Mas, além da maior parte deles não o poder fazer, elas têm outro inconveniente: é que, em geral, têm um cunho de uniformidade que as torna monótonas e prejudicaria tanto mais a sua venda quanto mais se multiplicassem. Só seriam atraentes se, tratando de determinado assunto, formassem um todo e apresentassem um conjunto, fossem obras de um só ou de vários Espíritos.

Essas considerações não são absolutas e certamente poderá haver exceções, mas não podemos deixar de convir que

repousam sobre um fundo de verdade. Aliás, aquilo que dizemos não visa impor nossas idéias, que cada um é livre para considerar ou recusar. Apenas, como não se publica algo senão esperando um resultado, sentimo-nos na obrigação de expor as causas de decepções.

Os inconvenientes que acabamos de assinalar nos parecem completamente superados pela publicação central e coletiva que os Srs. Didier & Cie vão empreender, sob o título de *Biblioteca do Mundo Invisível*. Compreenderá uma série de volumes, formato grande in-18, de sete cadernos de impressão, ou cerca de 250 páginas, ao preço uniforme de 2 francos. Cada volume terá o seu número de ordem, mas será vendido separadamente, de sorte que os aficionados estarão livres para escolher aquilo que mais e melhor lhes convier, sem a obrigação de adquiri-los na sua totalidade. Esta coleção, que não tem limites fixos, oferecerá os meios de publicar, nas melhores condições possíveis, os trabalhos mediúnicos obtidos nos diversos centros, com a vantagem de uma publicidade muito vasta, por meio dos correspondentes. O que esta casa não fizer por meio de brochuras isoladas, fá-lo-á por meio de uma coleção que pode adquirir grande importância.

O nome de *Biblioteca do Mundo Invisível* é o título geral da coleção. No entanto, cada volume terá um título especial para designar a procedência e o assunto, beneficiando o autor sem que este tenha de se imiscuir no produto das obras que lhe são estranhas. É uma publicação coletiva, mas sem vínculos recíprocos entre os produtores, na qual cada um entra por sua conta e risco, aproveitando-se da publicidade comum.

Nessa coleção os editores não se comprometem absolutamente em publicar tudo quanto lhes seja apresentado. Ao contrário, se reservam expressamente o direito de proceder a uma escolha rigorosa. Caso aceitos, e desde que satisfaçam às

condições de formato e preço, os volumes publicados a expensas dos autores poderão fazer parte da coleção.

Pessoalmente, somos de todo estranhos ao conjunto dessa publicação e à sua administração; ela nada tem de comum com a *Revista Espírita*, nem com as nossas obras especiais sobre a matéria. Aqui lhe damos a nossa aprovação e o nosso apoio moral porque a julgamos útil e porque a consideramos a melhor via aberta aos médiuns, grupos e sociedades para suas publicações. Nela colaboraremos como os outros, por nossa própria conta, só assumindo a responsabilidade pelo que levar o nosso nome.

Além das obras especiais que pudermos fornecer a essa coleção, dar-lhe-emos, sob o título particular de *Carteira Espírita*, alguns volumes compostos de comunicações *escolhidas*, quer entre as que são obtidas em nossas reuniões de Paris, quer entre as que nos são enviadas por médiuns e pelos grupos franceses e estrangeiros que se correspondem conosco e não quiseram fazer publicações pessoais. Emanando de fontes diferentes, essas publicações terão o atrativo da variedade. A elas juntaremos, conforme as circunstâncias, as observações necessárias à sua compreensão e desenvolvimento. A ordem, classificação e todas as disposições materiais serão objeto de particular atenção.

Não visando tais publicações o nosso benefício pessoal, nossa intenção é aplicar os direitos que nos couberem, pelos cuidados que lhes daremos em benefício da distribuição gratuita de nossas obras sobre o Espiritismo, às pessoas que não puderem adquiri-las ou qualquer outro emprego julgado útil à propagação da doutrina, segundo condições que forem fixadas posteriormente.

Esse plano parece responder a todas as necessidades e não duvidamos que seja acolhido com simpatia por todos os sinceros amigos da doutrina.

Controle do Ensino Espírita

A organização que propusemos para a formação dos grupos espíritas tem como objetivo preparar o caminho que deve facilitar as relações mútuas entre eles. Entre as vantagens que resultarão de tais relações, deve-se colocar em primeira linha a unidade de doutrina, que será a sua conseqüência natural. Esta unidade já se acha em grande parte realizada e as bases fundamentais do Espiritismo são hoje admitidas pela imensa maioria dos adeptos. Mas ainda há questões duvidosas, seja porque não tenham sido resolvidas, seja porque o foram em sentido diverso pelos homens e, até mesmo, pelos Espíritos.

Se por vezes os sistemas são produtos dos cérebros humanos, sabe-se que, a tal respeito, certos Espíritos nada ficam a dever. Com efeito, vêem-se alguns que engendram as mais absurdas idéias com maravilhosa habilidade, encadeando-as com muita arte e delas fazendo um conjunto mais engenhoso que sólido, mas que poderia falsear a opinião de pessoas que não se dão ao trabalho de aprofundar, ou que são incapazes de o fazer pela insuficiência de seus conhecimentos. Sem dúvida as idéias falsas acabam caindo ante a experiência e a lógica inflexível; mas, antes disso, podem lançar a incerteza. Também é sabido, conforme sua elevação, que os Espíritos podem ter, sobre certos pontos, uma maneira de ver mais ou menos justa; que as assinaturas das comunicações nem sempre são uma garantia de autenticidade, e que os Espíritos orgulhosos procuram, às vezes, fazer passar utopias, protegidos por nomes respeitáveis, com os quais se paramentam. É, incontestavelmente, uma das principais dificuldades da ciência prática, e contra a qual muitos se chocaram.

Em caso de divergência, o melhor critério é a conformidade dos ensinamentos por diferentes Espíritos e transmitidos por médiuns completamente estranhos entre si. Quando o mesmo princípio for proclamado ou condenado pela maioria, é preciso

dar-nos conta da evidência. Se há um meio de chegar à verdade, seguramente é pela concordância e pela racionalidade das comunicações, auxiliadas pelos meios que temos à nossa disposição para constatar a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos. Ao deixar de ser individual para se tornar coletiva, a opinião adquire um maior grau de autenticidade, já que não pode ser considerada como resultado de uma influência pessoal ou local. Os que ainda se acham em dúvida terão uma base para fixar as idéias, porquanto será irracional pensar que aquele que em seu ponto de vista está só, ou quase só, tenha razão contra todos.

O que acima de tudo contribuiu para o crédito da doutrina de *O Livro dos Espíritos* foi precisamente o fato de ser ela o produto de um trabalho semelhante, que repercute em toda parte. Como o dissemos, nem é obra de um único Espírito, que poderia ser sistemático, nem de um único médium, que poderia ser enganado, mas, ao contrário, um ensino coletivo, dado por uma grande diversidade de Espíritos e de médiuns, e os princípios que encerra são confirmados mais ou menos por toda parte. Dizemos mais ou menos considerando que, pela razão acima explicada, há Espíritos que procuram fazer prevaleçam suas idéias pessoais. É, pois, inútil submeter idéias divergentes ao controle que propomos. Se a doutrina ou algumas teorias que professamos fossem reconhecidas unanimemente como errôneas, submeter-nos-íamos sem murmuração, sentindo-nos felizes que outros tenham encontrado a verdade; mas se, ao contrário, elas forem confirmadas, não de permitir creiamos estar com a verdade.

A Sociedade Espírita de Paris, compreendendo toda a importância de semelhante trabalho e tendo, ela mesma, primeiro que se esclarecer e depois provar que não pretende absolutamente arvorar-se em árbitro absoluto das doutrinas que professa, submeterá aos diversos grupos que com ela se correspondem as questões que julgar mais úteis à propagação da verdade. Essas questões serão comunicadas, seja por correspondência particular, seja por intermédio da *Revista Espírita*.

Compreende-se que para ela, e em razão da maneira séria por que encara o Espiritismo, a autoridade das comunicações depende das condições em que se realizam as reuniões, do caráter dos membros e do objetivo a que se propõem. Oriundas de grupos formados sobre as bases indicadas em nosso artigo sobre a organização do Espiritismo, as comunicações terão tanto mais peso a seus olhos quanto melhores forem as condições desses grupos.

Submetemos aos nossos correspondentes as questões que se seguem, enquanto aguardam as que lhes dirigiremos ulteriormente.

Questões e Problemas Propostos aos Vários Grupos Espíritas^{7, 8}

1^a – Formação da Terra

Existem dois sistemas sobre a origem e a formação da Terra. Segundo a opinião mais comum, a que parece geralmente adotada pela Ciência, seria o produto da condensação gradual da matéria cósmica sobre um ponto determinado do espaço. O mesmo teria ocorrido com os demais planetas.

Conforme outro sistema, preconizado nos últimos tempos e segundo a revelação de um Espírito, a Terra teria sido formada pela incrustação de quatro satélites de um antigo planeta desaparecido. Tal adjunção teria resultado da própria vontade da alma desses planetas. Um quinto satélite, nossa Lua, ter-se-ia recusado, em virtude de seu livre-arbítrio, a essa associação. Os vazios deixados entre eles pela ausência da Lua teriam formado as cavidades preenchidas pelos mares. Cada um desses planetas teria

7 **N. do T.:** Aqui Allan Kardec já começa a esboçar algumas teorias que, desenvolvidas posteriormente, passarão a integrar o último livro da Codificação Espírita. (Vide *A Gênese*, capítulo VIII).

8 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

trazido consigo seres *catalépticos* – homens, animais e plantas – que lhe eram peculiares.

Sáidos de sua letargia, depois de operada a adunção e restabelecido o equilíbrio, esses seres teriam povoado o globo atual. Tal seria a origem das raças-mãe do homem da Terra: a raça negra na África, a amarela na Ásia, a vermelha na América e a branca na Europa.

Qual destes dois sistemas pode ser considerado como expressão da verdade?

A propósito deste assunto, bem como dos outros, solicitamos uma solução explícita e racional.

Observação – É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações.

2º – Alma da Terra

Encontramos a seguinte proposição numa brochura intitulada *Resumo da Religião Harmônica*.

“Deus criou o homem, a mulher e todos os mais belos e melhores seres, mas concedeu a todos os astros o poder de criar seres de ordem inferior, a fim de completar o seu mobiliário, quer

pela combinação de seu próprio fluido fecundante, conhecido em nosso globo pelo nome de *aurora boreal*, quer com a combinação desse fluido com o de outros astros. Ora, a alma do globo terrestre, desfrutando, como as almas humanas, de seu livre-arbítrio, isto é, da faculdade de escolher o caminho do bem ou do mal, deixou-se arrastar por este último. Daí as criações imperfeitas e más, tais os animais ferozes e venenosos e os vegetais peçonhentos. Mas a Humanidade fará desaparecer esses seres nocivos quando, ao se pôr de acordo com a alma da Terra para marchar pelo caminho do bem, ocupar-se de maneira mais inteligente da gestão do globo terrestre, no qual será criado um mobiliário mais perfeito.”

O que há de verdadeiro nesta proposição, e o que se deve entender por alma da Terra?

3º – Sede da alma humana

Lê-se na mesma obra a passagem seguinte, citada como extrato de *A Chave da Vida*, página 751:

“A alma é de natureza luminosa, divina. Tem a forma do ser humano que anima. Reside num espaço situado na substância cerebral mediana, que reúne os dois lobos do cérebro por sua base. No homem harmonioso e na unidade, a alma, diamante resplandecente, é cingida por uma branca coroa luminosa: a coroa da harmonia.”

O que há de verdadeiro nesta proposição?

4º – Morada das Almas

Na mesma obra:

“Enquanto habitam as regiões planetárias, os Espíritos são obrigados a reencarnar para progredirem. Desde que chegam às regiões solares, não mais necessitam da reencarnação e

progridem indo habitar outros sóis de ordem superior, de onde passam às regiões celestes. A Via-Láctea, de luz tão suave, é a morada dos anjos ou Espíritos superiores.”

Isto é verdade?

5º – **Manifestação dos Espíritos**

Conforme a doutrina ensinada por um Espírito, nenhum Espírito humano pode manifestar-se ou comunicar-se com os homens, nem servir de intermediário entre Deus e a Humanidade, considerando-se que sendo Deus onipotente e onipresente, não necessita de auxiliares para a execução de sua vontade, pois tudo faz por si mesmo. Em todas as comunicações ditas espíritas, só Deus se manifesta, tomando a forma nas aparições, e a linguagem nas comunicações escritas, dos Espíritos que evocamos e aos quais julgamos falar. Em consequência, estando morto o homem, não poderá mais haver relações entre ele e os que ficaram na Terra, até que, por uma série de reencarnações sucessivas, durante as quais progridem, tenham atingido o mesmo grau de adiantamento no mundo dos Espíritos. Como só Deus pode manifestar-se, segue-se que as comunicações grosseiras, triviais, blasfematórias e mentirosas também são dadas por Ele – mas como prova – do mesmo modo que as dá boas, a fim de instruir. Naturalmente o Espírito que ditou esta teoria faz-se passar pelo próprio Deus, formulando, sob esse nome, uma extensa doutrina filosófica, social e religiosa.

Que se deve pensar de tal sistema, de suas consequências e da natureza do Espírito que o ensina?

6º – **Anjos rebeldes, anjos decaídos e paraíso perdido**

Que pensar da teoria formulada a respeito disto, no artigo acima publicado pelo Sr. Allan Kardec?

O Sobrenatural

PELO SR. GUIZOT

(2º artigo – Ver o número de dezembro de 1861)

Em nosso último número publicamos o eloqüente e extraordinário capítulo do Sr. Guizot, a propósito do sobrenatural, do qual nos propúnhamos fazer algumas observações críticas que em nada diminuem a nossa admiração pelo ilustre e sábio escritor.

O Sr. Guizot acredita no sobrenatural. Sobre este, como sobre outros pontos de vista, importa nos entendamos quanto às palavras. Em sua aceção própria, *sobrenatural* significa o que está acima da Natureza, fora das leis da Natureza. O sobrenatural propriamente dito não está submetido a leis; é uma exceção, uma derrogação das leis que regem a Criação; numa palavra, é sinônimo de *milagre*. No sentido próprio essas duas palavras passaram à linguagem figurada, servindo para designar tudo quanto seja extraordinário, surpreendente, insólito. Diz-se de uma coisa que causa admiração que ela é miraculosa, como se diz que uma grande extensão é incomensurável, que um grande número é incalculável e que uma longa duração é eterna, embora, a rigor, possamos mensurar uma, calcular a outra e prever um termo para a última. Pela mesma razão, qualifica-se de sobrenatural aquilo que, à primeira vista, parece sair dos limites do possível. O vulgo é sempre levado a tomar o vocábulo ao pé da letra naquilo que não compreende. Se por isto se entende o que se afasta das causas conhecidas, estamos de acordo; mas, então, o vocábulo não tem mais sentido preciso, porquanto aquilo que era sobrenatural ontem já não o é hoje. Quantas coisas, outrora consideradas como tais, não fez a Ciência entrar no domínio das leis naturais! Seja qual for o progresso que tenhamos feito, podemos nos gabar de conhecer todos os segredos de Deus? A Natureza já nos disse a última palavra sobre todas as coisas? Diariamente não temos desmentidos a essa orgulhosa pretensão? Se, pois, aquilo que ontem era

sobrenatural já não o é hoje, podemos logicamente inferir que o sobrenatural de hoje poderá não mais o ser amanhã. Para nós, o vocábulo sobrenatural é tomado no seu mais absoluto sentido próprio, isto é, para designar qualquer fenômeno contrário às leis da Natureza. O caráter do fato sobrenatural ou miraculoso é de ser excepcional. Desde que se repete, é que está submetido a uma lei, conhecida ou não, e entra na ordem geral⁹.

Se restringirmos a *natureza* ao mundo material, visível, é evidente que as coisas do mundo invisível serão sobrenaturais. Mas estando o mundo invisível, ele também, submetido a leis, parece-nos mais lógico definir a Natureza como *o conjunto das obras da Criação, regidas pelas leis imutáveis da Divindade*. Se, como o demonstra o Espiritismo, o mundo invisível é uma das forças, um dos poderes que reagem sobre a matéria, representa um papel importante na Natureza, razão por que os fenômenos espíritas, para nós, não são sobrenaturais, nem maravilhosos, nem miraculosos. Por aí se vê que, longe de ampliar o círculo do maravilhoso, o Espiritismo tende a restringi-lo e, mesmo, fazê-lo desaparecer.

Dissemos que o Sr. Guizot acredita no sobrenatural, mas no sentido miraculoso, o que de modo algum implica a crença nos Espíritos e em suas manifestações. Ora, do fato de, para nós, os fenômenos espíritas nada terem de anormal, não se segue que Deus não tenha podido, em determinados casos, derrogar as suas leis, desde que é Todo-Poderoso. Tê-lo-ia feito? Não é aqui o lugar de examinar a questão. Para isto seria necessário discutir, não o problema, mas cada fato isoladamente. Ora, colocando-nos do ponto de vista do Sr. Guizot, isto é, da realidade dos fatos miraculosos, vamos tentar combater a consequência que daí ele tira, a saber, que *a religião não é possível sem o sobrenatural* e, ao contrário, provar que de seu sistema resulta o aniquilamento da religião.

9 N. do T.: Primeiros germes do capítulo XIII de *A Gênese*: – Caracteres dos milagres – Os milagres no sentido teológico.

O Sr. Guizot parte do princípio de que todas as religiões se fundam no sobrenatural. Isto é certo se, como tal, entendermos o que não se compreende; mas se remontarmos ao estado dos conhecimentos humanos na época da fundação de todas as religiões conhecidas veremos quão limitado era o saber dos homens em Astronomia, Física, Química, Geologia, Fisiologia, etc. Se, nos tempos modernos, bom número de fenômenos, hoje perfeitamente conhecidos e explicados, passaram por maravilhosos, com mais forte razão assim deveria ser nos tempos recuados. Acrescentemos que a linguagem figurada, simbólica e alegórica, em uso entre todos os povos do Oriente, prestava-se naturalmente às ficções, cujo verdadeiro sentido a ignorância não permitia descobrir. Acrescentemos, ainda, que os fundadores das religiões, homens superiores ao povo e sabendo muito mais que ele, tiveram, para impressionar as massas, de cercar-se de um prestígio sobre-humano, que alguns ambiciosos utilizaram para explorar a credulidade. Vede Numa; vede Maomé e tantos outros. Direis que são impostores. Seja! Tomemos as religiões saídas da lei mosaica: todas adotam a criação segundo o Gênesis. Ora, haverá, com efeito, algo mais sobrenatural do que essa formação da Terra, tirada do nada, arrancada do caos, povoada por todos os seres vivos, homens, animais e plantas, todos formados e adultos, e isto em seis vezes vinte e quatro horas, como num golpe de mágica? Não será a derrogação mais formal das leis que regem a matéria e a progressão dos seres? Por certo Deus podia fazê-lo; mas o fez? Ainda há bem poucos anos isto era afirmado como artigo de fé; mas eis que a Ciência repõe o fato imenso da origem do mundo na ordem das coisas naturais, provando que tudo se realizou segundo leis eternas. Sofreu a religião por não ter mais como base um fato maravilhoso por excelência? Incontestavelmente muito teria sofrido no seu crédito caso se tivesse obstinado em negar a evidência, ao passo que ganhou enveredando pelo direito comum.

Um fato muito menos importante, malgrado as perseguições a que deu origem, é Josué parando o Sol para

prolongar o dia em mais duas horas. Não importa se foi o Sol ou a Terra que parou: nem por isso o fato deixa de ser menos sobrenatural. É uma derrogação de uma das leis mais capitais, a da força que arrasta os mundos. Pensaram em sair da dificuldade reconhecendo que é a Terra que gira, mas não haviam levado em conta a maçã de Newton, a mecânica celeste de Laplace e a lei da gravitação. Se o movimento da Terra for suspenso, não por duas horas, mas por alguns minutos, cessará a força centrífuga e a Terra precipitar-se-á sobre o Sol. O equilíbrio das águas na sua superfície é mantido pela continuidade do movimento; cessando este, tudo é posto em desordem. Ora, a história do mundo não menciona o menor cataclismo nessa época. Não contestamos que Deus possa ter favorecido Josué, prolongando a claridade do dia. Que meio teria empregado? Ignoramo-lo. Tivesse sido uma aurora boreal, um meteoro ou um outro fenômeno e nada teria alterado a ordem das coisas; mas seguramente não foi aquele tomado, durante séculos, como artigo de fé. Que outrora tenham acreditado, é muito natural; mas hoje isto é impossível, a menos que se renegue a Ciência.

Entretanto, dirão que a religião se apóia sobre muitos outros fatos, que nem são explicados, nem explicáveis. Inexplicados, sim; inexplicáveis é outra questão. Sabemos, acaso, que descobertas e conhecimentos o futuro nos reserva? Já não vemos, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, reproduzirem-se os êxtases, as visões, as aparições, a visão a distância, as curas instantâneas, as levitações, as comunicações orais e outras, com seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos desde tempos imemoriais, outrora considerados como maravilhosos e hoje demonstrados como pertencentes à ordem das coisas naturais, conforme a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão repletos de fatos qualificados de sobrenaturais; como, porém, os encontramos análogos e até mais maravilhosos em todas as religiões pagãs da Antigüidade, se a verdade de uma religião fosse depender do

número e da natureza de tais fatos, não saberíamos muito qual delas seria a mais importante.

Como prova do sobrenatural o Sr. Guizot cita a formação do primeiro homem, que foi criado adulto porque, segundo ele, sozinho e no estado de infância não teria podido alimentar-se. Mas se Deus fez uma exceção criando-o adulto, não poderia ter feito outra, facultando à criança os meios de viver, e isto sem se afastar da ordem estabelecida? Sendo os animais anteriores ao homem, não poderia realizar, em relação à primeira criança, a fábula de Rômulo e Remo?

Dizemos a primeira criança, quando deveríamos dizer as primeiras crianças, porquanto a questão de um tronco único para a espécie humana é muito controvertida. Com efeito, as leis antropológicas demonstram a impossibilidade material que a posteridade de um só homem tenha podido, em alguns séculos, povoar a Terra inteira e transformar-se em raças negra, amarela e vermelha, pois demonstrado está que essas diferenças se prendem à constituição orgânica, e não ao clima.

O Sr. Guizot sustenta uma tese perigosa ao afirmar que nenhuma religião é possível sem o sobrenatural. Se ele faz repousar as verdades do Cristianismo sobre a base única do maravilhoso, dá-lhe um apoio frágil, cujas pedras se desprendem a cada dia. Damos-lhe um fundamento mais sólido: as leis imutáveis de Deus. Este fundamento desafia o tempo e a Ciência, porque o tempo e a Ciência virão sancioná-la. A tese do Sr. Guizot leva diretamente à conclusão de que, num tempo dado, não haverá mais religião possível, nem mesmo a cristã, se se demonstrar como natural o que é tomado como sobrenatural. Foi isto que ele quis provar? Não; mas é a consequência de seu argumento e para ela marchamos a largos passos. Porque, por mais que se faça, por mais que se amontoem raciocínios, não se chegará a manter a crença que um fato é sobrenatural, quando ficou provado que não o é.

Sob esse aspecto somos muito menos cépticos que o Sr. Guizot e dizemos que Deus não é menos digno de nossa admiração, do nosso reconhecimento e do nosso respeito por não haver derogado suas leis, grandes, sobretudo, por sua imutabilidade, e que não há necessidade do sobrenatural para lhe render o culto que lhe é devido e, conseqüentemente, por ter uma religião que encontrará tanto menos incrédulos quanto mais for, em todos os pontos, sancionada pela razão. Em nosso modo de ver, nada tem o Cristianismo a perder com esta sanção; ele não pode senão lucrar. Se, na opinião de muitos, algo o prejudicou, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural. Fazei vejam os homens a grandeza e o poder de Deus em todas as suas obras; mostrai a eles a sua sabedoria e a sua admirável providência, desde a germinação da plantinha até o mecanismo do Universo: maravilhas não faltarão. Substituí em seu espírito a idéia de um Deus ciumento, colérico, vingativo e implacável, pela de um Deus soberanamente justo, bom e misericordioso, que não condena a suplícios eternos e sem esperanças por faltas temporárias; que, desde a infância, seja nutrido por essas idéias, que crescerão com a razão, e os fareis crentes mais firmes e sinceros do que se os embalásseis com alegorias, impostas ao pé da letra e que, mais tarde repelidas, conduzi-lo-iam a duvidar de tudo, e mesmo à negação total. Se quiserdes manter a religião pelo só prestígio do maravilhoso, não haverá senão um meio: manter os homens na ignorância. Vede se isso é possível. À força de mostrar a ação de Deus somente nos prodígios e nas exceções, deixamos de mostrá-la nas maravilhas que espezinhamos.

Certamente objetarão com o nascimento miraculoso do Cristo, que não poderia ser explicado pelas leis naturais, e que é uma das provas mais retumbantes de seu caráter divino. Não cabe aqui examinar esta questão. Mas, ainda uma vez, não contestamos a Deus o poder de derogar suas leis. O que questionamos é a necessidade absoluta dessa derrogação para o estabelecimento de uma religião qualquer.

Dirão que o magnetismo e o Espiritismo, reproduzindo fenômenos tidos por miraculosos, são contrários à religião atual, porque tendem a retirar desses fatos o seu caráter sobrenatural. Mas, que fazer, se os fatos são reais? Não os impedirão, visto que tais fatos não constituem privilégio de um homem, mas se repetem no mundo inteiro. Outro tanto se poderia dizer da Física, da Química, da Astronomia, da Geologia, da Meteorologia; numa palavra, de todas as ciências. A tal respeito diremos que o cepticismo de muita gente não tem outra fonte senão a impossibilidade, para eles, desses fatos excepcionais. Negando a base sobre a qual se apóiam negam tudo o mais. Provai-lhes a possibilidade e a realidade desses fatos; reproduzi-os aos seus olhos e eles serão forçados a acreditar. – Mas isto é tirar do Cristo o seu caráter divino! – Então preferis que eles não creiam em coisa alguma a acreditar nalguma coisa? Então só haverá esse meio para provar a divindade da missão do Cristo? Seu caráter não se destaca cem vezes melhor da sublimidade de sua doutrina e do exemplo que deu de suas virtudes? Se não vêem esse caráter senão nos atos materiais que ele realizou, outros não os fizeram semelhantes, como Apolônio de Tiana, seu contemporâneo? Por que, então, o Cristo o superou? Porque fez um milagre muito maior do que transformar a água em vinho, do que alimentar quatro mil homens com cinco pães, curar epiléticos, devolver a vista aos cegos e fazer andar os paralíticos. Esse milagre é o de ter mudado a face do mundo; é a revolução operada pela simples palavra de um homem saído do estábulo, durante três anos de pregação, sem nada haver escrito, auxiliado apenas por alguns pescadores obscuros e ignorantes. Eis o verdadeiro prodígio, aquele em que precisamos estar cegos para não ver a mão de Deus. Que os homens se persuadam desta verdade, pois é a melhor maneira de os converter em crentes definitivos.

Poesias de Além-Túmulo

QUERÍAMOS VERSOS DE BÉRANGER

(Sociedade Espírita do México, 20 de abril de 1859)

Depois que me afastei de nossa pátria bela,
E outros países vi, ouço alguém me deter:
Voltai, voltai, ouvi a quem vos apela,
Nós queremos ter mais versos de Béranger.
Deixai, pois, repousar esta musa risonha;
Ela já habita o céu com seus campos abertos,
Para louvar seu Deus com voz que alegre sonha
Cada dia ao juntar-se aos celestes concertos.
Ela cantara outrora as mais frívolas árias;
Por seu bom coração, Deus a si o chamou,
Não tendo achado más as suas canções várias.
Ele amava, ele orava e nunca a alguém odiou.
Se eu pude flagelar a raça capuchinha
Com seu bom coração os franceses têm rido.
Se a voltar a este mundo o bom Deus me destina,
A zombar-lhes ainda eu serei compelido.

Nota – Aqui o Espírito Béranger, deixando-nos entregue à nossa prece, deu-nos os versos seguintes:

O quê! Me assassinais, leviana e humana raça!
Versos! Meus versos sempre! O pobre Béranger
Bastante os feito tem sobre a terra em que passa
E contra eles seu fim devia proteger.

Mas não, pois que ele é nada, e se lhe cumpra a sorte!
Em morrendo, esperava o bom Deus impedisse-o.
Se me quereis punir, ai de mim! Que o suporte
O pobre Béranger a que votais suplício.

Béranger

ENSAIO AINDA UMA DE MINHAS CANÇÕES
(Sociedade Espírita do México)

I

Filho querido de uma terra amada,
Lembro-me sempre de você aqui.
Sob outros céus, alma regenerada
Amor, beleza e mocidade vi
Da vida, enfim, no seu topo me inundo,
Eterno globo de reencarnações;
E eu, pobre Espírito deste outro mundo,
Ensaio alguma de minhas canções.

II

Eu vi chegar esta diva criatura
Que de emoção envolve o nome seu;
Mas em seus olhos não mais que a ternura,
Pôde sentir sem medo este olhar meu.
E adormeci, e a amiga em tom profundo,
Dá-me ao partir enternecidos sons;
E eu, pobre Espírito deste outro mundo,
Ensaio algumas de minhas canções.

III

Oh, ide em paz! Deitai-vos no jazigo,
Mortos felizes, deixai de acordar;
Olhos fechados são telas de abrigo
Que se abrirão a um sol belo e a brilhar.
Sorride, pois, que a morte lá no fundo
Quer-vos brindar com messes e orações;
E eu, pobre Espírito deste outro mundo,
Ensaio alguma de minhas canções.

IV

Ei-los caídos, gigantes da glória;
Escravos, reis, todos serão iguais,
Que para todos nós maior vitória
Só cabe àquele que amar souber mais.

Lá vemos esse que amor, gemebundo,
Nos pede, ou que deixamos com aflições.
E eu, pobre Espírito deste outro mundo,
Ensaio alguma de minhas canções.

V

Adeus, amigos. Adentro esse espaço
Que à vossa voz possa eu sempre vencer;
A imensidade é um eterno enlaço
Que brevemente vireis percorrer.
Sim, e com voz jovial em tom jucundo,
Juntos direis então minhas lições;
E eu, pobre Espírito deste outro mundo,
Ensaio alguma de minhas canções.

Béranger

Observação – De passagem por Paris, o presidente da Sociedade Espírita do México houve por bem confiar-nos uma coletânea de comunicações dessa Sociedade, autorizando-nos a escolher o que julgássemos útil. Pensamos que nossos leitores não protestarão por essa primeira escolha que fizemos. Verão, pelas mostras, que belas comunicações são dadas em todos os países. Devemos acrescentar que o médium que obteve os dois fragmentos acima é uma senhora inteiramente alheia à poesia.

Bibliografia

O ESPIRITISMO NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES OU A DOCTRINA ESPÍRITA POPULARIZADA

A brochura que anunciamos sob esse título, em nosso último número, será lançada a 15 de janeiro; mas, em vez de 25 centavos, preço indicado, será vendida a 15 centavos o exemplar isolado, e a 10 centavos para compra de 20 exemplares, ou 2 francos, sem o porte.

O objetivo desta publicação é dar, num panorama muito sucinto, um histórico do Espiritismo e uma idéia suficiente da Doutrina dos Espíritos, a fim de que se lhe possa compreender o objetivo moral e filosófico. Pela clareza e simplicidade do estilo, procuramos pô-la ao alcance de todas as inteligências. Contamos com o zelo de todos os verdadeiros espíritas para ajudarem a sua propagação.

REVELAÇÕES DE ALÉM-TÚMULO

Pela Sra. H. Dozon, médium. Evocador, Sr. H. Dozon, ex-tenente dos lanceiros da guarda, cavaleiro da Legião de Honra. – Um volume grande in-18; preço: 2 fr. 25 c. Livraria Ledoyen, 31, galerie d'Orléans, Palais-Royal.

Trata-se de uma coletânea de comunicações obtidas pela Sra. Dozon, médium, membro da Sociedade Espírita de Paris, durante e após grave e dolorosa enfermidade que, como ela mesma diz, teria abatido sua coragem, não fossem a sua fé no Espiritismo e a evidente assistência de seus amigos e guias espirituais, que a sustentaram nos momentos mais difíceis. Por isso, a maioria das comunicações traz a marca das circunstâncias em que foram dadas. Seu objetivo evidente era levantar o moral abatido, meta completamente alcançada. Seu caráter é essencialmente religioso, só respirando a mais pura, a mais doce e a mais consoladora moral. Algumas são de notável elevação de pensamentos. Lamentamos apenas que a rapidez com que o volume foi impresso não tenha permitido fazer toda a correção material desejável.

Se a *Biblioteca do Mundo Invisível*, que anunciamos, estivesse em vias de publicação, nela esta obra poderia encontrar uma honrosa posição.

Testamento em Favor do Espiritismo

Ao Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris

Meu caro senhor e muito honrado chefe espírita,

Estou anexando meu testamento hológrafo, em envelope lacrado em cera verde, com orientação do que deverá ser feito após a minha morte. Desde o momento em que conheci e compreendi o Espiritismo, seu objetivo, sua meta final, tive a idéia e tomei a resolução de fazer meu testamento. Tinha programado neste inverno, depois de minha volta do campo, esta obra de minhas últimas vontades. No lazer e na solidão do campo pude recolher-me e, à luz desse divino facho do Espiritismo, aproveitei todos os ensinamentos que recebi, sob todos os pontos de vista, dos Espíritos do Senhor, para me guiar no cumprimento desta obra da maneira mais útil aos meus irmãos da Terra, quer sentados no meu lar doméstico, quer à minha volta ou longe de mim, conhecidos e desconhecidos, amigos ou inimigos, e da maneira mais agradável a Deus. Lembrei-me do que esse respeitável Sr. Jobard, de Bruxelas, cuja morte súbita nos anunciastes, vos escrevia, na sua linguagem profunda e, ao mesmo tempo, divertida e espirituosa, relativamente a uma sucessão de vinte milhões, dos quais se dizia espoliado: que esta soma colossal teria sido uma alavanca poderosa para ativar de um século a nova era que se inicia. O dinheiro, que muitas vezes e do ponto de vista terreno dizem ser o ponto nevrálgico das batalhas, é, com efeito, o mais temível, o mais poderoso instrumento, tanto para o bem quanto para o mal aqui na Terra. Então eu disse a mim mesmo: “Posso e devo consagrar a essa nova era uma notável porção do modesto patrimônio que adquiri para a realização de minhas provas, com o suor de meu rosto, à custa de minha saúde, através da pobreza, da fadiga, do estudo e do trabalho, durante trinta anos de vida militante de advogado, um dos mais ocupados nas audiências e no escritório.

Reli a carta de 1º de novembro de 1832 que, depois de sua viagem a Roma, Lamennais escreveu à condessa de Senfft, e na qual, expressando sua decepção após tantos esforços e tantas lutas consagrados à procura da verdade, encontrei estas palavras, se não proféticas, pelo menos inspiradas, anunciando esta era nova.

.....

(Seguem-se várias citações, que a falta de espaço não nos permite reproduzir)

O envelope contém o seguinte sobrescrito:

“Dentro deste envelope, lacrado com cera verde, está meu testamento hológrafo. O envelope só deverá ser aberto e o selo quebrado após a minha morte, durante sessão geral da Sociedade Espírita de Paris. Nessa sessão será feita a leitura integral do testamento, pelo presidente da Sociedade que estiver em exercício naquela ocasião. O dito envelope e o selo mencionado serão rompidos pelo presidente. O presente envelope selado, contendo o meu testamento e que vai ser entregue ao Sr. Allan Kardec, atual presidente da dita sociedade, será por ele guardado nos arquivos da referida Sociedade. Um original desse mesmo testamento será encontrado, na época de minha morte, na sala de estudo da Sra.***; um outro original será, na mesma época, encontrado em minha casa. O depósito ao Sr. Allan Kardec é mencionado nos outros originais.”

Tendo sido a carta comunicada à Sociedade Espírita de Paris, em sua sessão de 20 de dezembro de 1861, seu presidente, o Sr. Allan Kardec, foi encarregado de agradecer, em nome da sociedade, às generosas intenções do testador em favor do Espiritismo, e de o felicitar pela maneira por que compreende a sua finalidade e o seu alcance.

Embora o autor da carta não tenha recomendado omitir seu nome, caso se julgasse conveniente publicá-la, compreende-se que, em tais circunstâncias e num ato dessa natureza, a mais absoluta reserva é uma obrigação rigorosa.

Carta ao Dr. Morhéry, a Propósito da Srta. Godu

Nos últimos tempos, muitas pessoas têm comentado os estranhos fenômenos operados pela Srta. Godu, notadamente os que dizem respeito à produção de diamantes e de grãos preciosos por meios não menos estranhos. A propósito, o Dr. Morhéry nos escreveu uma longa carta descritiva e algumas pessoas admiraram-se de que não a tivéssemos comentado. A razão disso é que não apreciamos nenhum fato com entusiasmo, examinando friamente as coisas antes de as aceitar, pois a experiência nos tem ensinado quanto devemos desconfiar de certas ilusões. Se tivéssemos publicado sem exame todas as maravilhas que nos foram relatadas com maior ou menor boa-fé, nossa revista talvez tivesse se tornado mais divertida; devemos, porém, conservar-lhe o caráter sério que sempre teve. Quanto à nova e prodigiosa faculdade que se teria revelado na Srta. Godu, acreditamos sinceramente que a de médium curador era mais preciosa e mais útil à Humanidade e, mesmo, à propagação do Espiritismo. Contudo, nada negamos, e aos que pensam, com tal notícia, que deveríamos tomar o primeiro trem para nos certificarmos, responderemos que, se a coisa é real, não deixará de ser oficialmente constatada; que, então, haverá sempre oportunidade de comentá-la, e nosso amor-próprio não sofrerá se formos o primeiro a proclamá-la. Aliás, eis um trecho da resposta que demos ao Dr. Morhéry:

“(...) É certo que não publiquei todos os relatórios que me enviastes sobre as curas operadas pela Srta. Godu, mas, por outro lado, disse o bastante para chamar a atenção para ela. Se

falasse constantemente do caso, poderia dar a impressão de estar a serviço de interesses particulares. Aconselhava a prudência que o futuro viesse confirmar o passado. Quanto aos fenômenos que relatais na última carta, são tão estranhos que não me arriscarei a publicá-los senão quando tiver a sua confirmação de maneira irrecusável. Quanto mais anormal é um fato, tanto mais exige circunspeção. Não vos surpreendais, pois, que eu a tenha, e bastante, nesta circunstância. Aliás, é também a opinião do comitê da Sociedade, ao qual submeti a vossa carta. Decidiu ele, por unanimidade, que antes mesmo de falar do caso, conviria aguardar o seu desdobramento. Até o momento esse fato é de tal modo contrário a todas as leis naturais e, mesmo, a todas as leis conhecidas do Espiritismo, que o primeiro sentimento que provoca, mesmo entre os espíritas, é o de incredulidade. Falar dele antecipadamente e antes de poder apóia-lo com provas autênticas, seria excitar sem proveito a verve dos gracejadores de mau gosto.”

Nota – Adiamos para o próximo número a publicação de diversas evocações e dissertações espíritas de grande interesse.

Allan Kardec

